

RELATÓRIO DA VIAGEM DOS PROFESSORES SOLANGE LEDA GALLO
E MATEUS DE OLIVEIRA AS ALDEIAS TICUNA DO ALTO SOLIMÕES

De 11 a 18 de novembro de 1994

Chegamos à Tabatinga em 11 de nov, 10:30hs., horário local, onde éramos esperados pela Sra. Dolores, administradora do Campus Avançado de Benjamin Constant, e pelo Sr. Ananias, seu assistente, que nos transportaram, na lancha da Universidade, ao Campus. As 15:00hs. do mesmo dia fizemos nossa primeira visita ao Centro Magüita, onde entrevistamos o responsável pelo museu, Constantino, que nos contou a história da origem do seu povo, e outras histórias, e nos orientou sobre as comunidades, sua localidade, suas características etc. Tivemos aí no museu o primeiro contato com o material existente em língua Ticuna para alfabetização.

Na mesma noite e na manhã seguinte analisamos todo material que Constantino nos passara.

Sábado, dia 12, fizemos uma Reunião no Centro Magüita com Nino Fernandes, presidente da O.G.P.T.B.

(Organização Geral dos Professores Ticuna do Brasil), // ?

Constantino e Sílvio, recém-eleito vereador na cidade de Benjamin, ex-professor Ticuna. Nessa reunião expusemos os motivos de nossa visita e pedimos orientação a respeito das visitas que faríamos às comunidades Ticuna.

Como a OGPBT não poderia dar nenhum apoio financeiro (barco e combustível), passamos a providenciar isso tudo através da Dolores que deu todo apoio necessário nesse sentido. Ficou decidido ainda, nessa reunião, que um professor Ticuna, Francisco, nos acompanharia na viagem.

Domingo preparamos tudo: procedimentos da pesquisa, material (câmera, fitas), rede, alimentação etc.

Segunda-feira pela manhã saímos em direção a Vendaaval. Depois de 2 hs e meia de viagem chegamos e fomos recebidos por Galdino, agente de saúde local, e acomodamos nossas coisas em sua casa.

Em seguida fomos conhecer as escolas. A primeira estava vazia (havia tido aulas pela manhã), então fomos à segunda escola, que fora construída pela prefeitura e fica em um prédio de alvenaria contendo 4 salas completamente fechadas (sem janelas), apenas com alguns tijolos vazados, o que transforma o recinto em uma sauna.

A primeira sala a ser visitada foi a da professora Carmelita, que ensina no nível de pré-escola. Ela estava revisando os números de 0 a 9 e as vogais a, e, i, o, u. Os alunos leram essas duas sequências em voz alta. Depois, a nosso pedido, preencheram lacunas dessa sequência individualmente no quadro.

Infelizmente os alunos dessa sala não estudam pelo livro de pré-escola em Língua Ticuna UM MANUAL DA ESCRITA. A professora disse que não recebeu os livros.

Em seguida visitamos a sala de alfabetização do professor Laurentino. Estava no quadro o seguinte exercício:

C e N junta formam um inteiro: quais são as outras metades que também junta formam um inteiro? Escreva no caderno:

A	B	M	D
H	L	N	

O professor leu o exercício, explicou-o em língua Ticuna e resolveu ele mesmo o exercício no quadro, explicando em Língua Ticuna: A e M, B e H, D e L.

O professor tinha um livro na mão de onde copiou o exercício: "Mundo Mágico" - Matemática . Ele não verificou quem fez o exercício e voltou a pegar o livro para colocar outros exercícios no quadro. As crianças não têm esse livro nem a cartilha. Apenas o professor tem um exemplar dela: "Este Mundo Maravilhoso".

Obs: Tudo é escrito em língua portuguesa, nada em Língua Ticuna. Além disso os professores falam português com muita dificuldade.

Passamos à classe do professor Manoel, da 1ª série. No quadro havia o seguinte exercício:

lha _____	_____ pilha _____	pa _____
ta _____	_____	ga _____
la _____	_____ lapis _____	co _____
ca _____	_____	de _____
ma _____	_____	ra _____
sa _____	_____	pe _____

O professor completa a primeira linha com a palavra pilha e a terceira com a palavra lápis. Assim como os outros dois professores, Manoel também tem muita dificuldade em falar português. Os alunos não têm livro de nenhuma matéria. Para ensinar Língua Portuguesa e Matemática o professor usa "O Mundo Mágico". Para as outras disciplinas não há livro. Nessa série não é ensinada a escrita em Língua Ticuna. Os alunos não entendem o que falamos em Língua Portuguesa. Os planos de aula do professor são escritos em Língua Portuguesa. Nessa série o ensino se restringe basicamente a Português e Matemática.

Em seguida fomos para a classe da professora Anita, uma 2ª série. Ela estava aplicando um teste de Estudos Sociais:

Complete com o nome da sua família

Como é o nome

do teu pai.....

da sua mãe.....

das tuas irmãs.....

das suas irmãs.....

Nessa série os alunos também não entendem português. No entanto, eles respondem o teste escrevendo em português, depois de uma explicação da professora em Língua Ticuna sobre o que deveria ser feito. Os alunos já conseguem ler algumas palavrinhas em Português. Ainda nessa série não há ensino sistemático da escrita em Língua Ticuna. Eventualmente a professora escreve algumas palavrinhas no quadro. Há vinte alunos na sala. A professora tem um livro de Português, um de Matemática e um de Ciências.

A próxima sala a ser visitada foi a do professor Vilmar que ensina simultaneamente para alunos da 3ª e 4ª séries. Ele estava dando aula de Língua Portuguesa. No quadro havia os seguintes exercícios:

Passe para o feminino:

a. Aquele cão mordeu a perna do padre

b. Na fazenda há: bodes, bois, cavalos, patos, e galos

Dê o feminino de:

frei

herói

carneiro

duque

cavaleiro

ator

Dê o masculino de:

abelha

judia

poetisa

condessa

embaixatriz

rainha

Passe para o plural:

a. Este anão é um grande artista.

b. O resolver detonou e matou o animal.

Dê o plural:

reptil

armazem

pão

juiz

lápis

Complete com o coletivo:

lobos

peixes

pintos

aviões

Dê o aumentativo sintético:

corpo

rapaz

Ainda nessas séries não há ensino sistemático da escrita Ticuna, o que nos faz concluir que esse ensino não é feito em nenhuma das quatro séries primárias. Todas as explicações continuam a ser dadas em Língua Tucuna.

A noite fizemos uma reunião com todos os professores da comunidade do Vendaval e o Capitão Pedro Inácio. Nessa reunião explicamos os motivos da nossa ida e procuramos saber, deles professores, quais as dificuldades e necessidades que eles sentiam em relação ao ensino do Português. Eles foram unânimes em dizer que a dificuldade vinha do fato de eles próprios não terem domínio da língua e, portanto, sentirem-se inseguros em ensiná-la. Nesse caso o livro didático dado pela prefeitura significa a única fonte segura.

Falamos a eles sobre nossa preocupação em relação ao fato de não termos visto acontecer o ensino da escrita Ticuna e procuramos saber os motivos. Os professores disseram que os próprios pais das crianças não queriam esse ensino porque consideraram que já sabem a Língua Ticuna e que a necessidade deles é aprender português. Então explicamos a eles que a oralidade da Língua não é a mesma coisa que sua escrita e que nós brancos, apesar de sabermos português, temos aulas da escrita em Língua Portuguesa durante todos os anos escolares. Só assim podemos produzir documentos, livros, cartilhas e tudo que precisamos para preservar nossa cultura. Assim também era para eles.

Nesse ponto da discussão tivemos a intervenção de Pedro Inácio que reforçou nossa colocação dizendo que ele também estava muito insatisfeito de ver que a escrita Ticuna não estava sendo ensinada, pois ele sabia que os livros MANUAL DA ESCRITA tinham sido distribuídos no começo do ano, mas não estavam sendo usados.

Falamos ainda que nós acreditávamos que a melhor maneira de aprender português seria através das traduções dos textos já escritos em Língua Ticuna, e que procuraríamos desenvolver isso para o curso de janeiro. Assim os professores passariam a usar esse material nas salas de aula.

Ficamos então assim acordados.

No final da reunião Pedro Inácio presentiou os professores com duas bolas de futebol para suas classes.

Na manhã seguinte, ainda em Vendaval, fomos visitar a sala da professora Ilda, uma classe de alfabetização. Coincidentemente (será?) a professora estava ensinando a escrita Ticuna:

Leia a frase e copie:

. Nucüma i MagütagU rü nüü mangema i natchine i nacü
tchamüÜ na'ca

na cü

tü

tchine

nu-cü-ma

Ti-cu-na

Ilda nos disse que não escreve em Língua Ticuna, apenas copia o que já está no livro, o mesmo acontecendo em português. Também não fala português por medo de ensinar errado, já que não tem fluência nessa língua. Para o ensino do português a professora usa a Cartilha "Encontro das Letras". Todos os alunos têm esse livro. Ilda nos diz que quando dá aula de escrita Ticuna não procura traduzir para o português e vice-versa. Ao observar a cartilha compreendemos a sua dificuldade, pois encontramos a seguinte lista de palavras e frases:

bebê	fedido	capela
babá	fama	peteca
beco	felino	palito
baú	feno	
cubano	pomada	
cuco	panela	

Cavalo bebe café?

Foca fica na fila?

São palavras que não são traduzíveis para a Língua Ticuna, já que não referem-se a coisas do mundo Ticuna. Isso sem falar no absurdo das perguntas do texto. Apesar da capacidade de ler dos alunos, a observação mais detalhada mostrou-nos que se trata de uma decodificação do som, mais que de uma leitura propriamente dita, já que eles não tem nenhuma hipótese sobre o sentido do que lêem.

Tivemos uma última conversa com Pedro Inácio quando ele nos reafirmou a necessidade que ele vê de que para o próximo ano todos os alunos tenham o material que já foi escrito em Língua Ticuna.

Em seguida partimos em direção a Benjamin Constant. Nesse mesmo dia organizamos todo material colhido em Vendaal e organizamos nossa ida às outras comunidades.

Na manhã seguinte saímos em direção à aldeia de Bom Caminho. Lá visitamos a classe do professor Bernardo, uma sala de 19ano. O professor tem 3 livros de apoio: "Escola é Vida" (cartilha), "Viver e Aprender" (Volume 1). Para matemática "Brincando com os números", e "Poranduba" (contendo todas as matérias) para os mais adiantados. Além desses livros, para o ensino da escrita Ticuna o professor usa o livro: UM MANUAL DA ESCRITA e o livro POPERA I UGUTAERUÜ MAGÜTAGAWA, de textos e exercícios (para os mais adiantados). Todos os alunos têm esses livros.

No quadro estava o seguinte exercício:

porco	cará	jacaré	
cutchi	tchuna	yoca	NGOGÜ

O professor fala português sem dificuldade e as crianças entendem português. Diferentemente de Vendaval, Bom Caminho é próximo à cidade, tem energia elétrica e alguns deles tem TV em casa.

Durante a leitura feita pelas crianças perguntamos sobre o sentido das palavras e das frases e elas sabiam a tradução.

Saímos de Bom Caminho em direção à Filadélfia. Lá visitamos a sala da professora Anita, uma lãserie. A professora estava aplicando um teste de matemática:

- . Escreva a curva aberto e curva fechado
- . Desenhe 10 bola e pinte apenas 5
- . Escreva o numeros dos desenhos

...

- . Ache o valor de:

$$3+2= \qquad 4+4=$$

$$1+1= \qquad 3+3=$$

$$2+2= \qquad 5+2=$$

- . Liga o numero iguais de acordo com desenho:

$$1+3 \qquad \qquad \qquad \text{ooo}$$

$$3 \qquad \qquad \qquad \text{oooo}$$

$$5 \qquad \qquad \qquad \text{ooooo}$$

$$8 \qquad \qquad \qquad \text{IIIII}$$

A professora também tem o livro ~~MANUAL DA ESCRITA~~ e para ensinar português ela tem "Escola é Vida". Só a professora tem os livros.

Fomos então à sala do professor Adelmo, uma 1ª série. Nessa classe não há ensino da escrita Ticuna. Para o ensino de todas as matérias ele usa o livro "Poranduba", o resto "ele tira da cabeça", como ele mesmo disse. Os alunos não têm livro. O plano de aula do professor é de 1993 e segue o modelo ensinado no Projeto Rondon.

No quadro havia o seguinte texto:

Na casa de Bete

Passamos à sala do professor João, uma sala em que há alunos de 1ª e 2ª série. O professor tem um exemplar do MANUAL DA ESCRITA, mas as crianças não têm. Ele também usa o livro PORANDUBA.

Os alunos entendem o que falamos e falam um pouco de português.

No quadro havia os seguintes exercícios para a 2ª série:

. Resolva as expressões:

a. $15 - (4+8)$

b. $18 - (7+6)$

$15 - 12$

3

c. $(6+7) - 9$

d. $8 + (3+4)$

. Resolva as divisões:

$24:5$

$30:7$

$10:2$

$27:5$

$45:9$

$36:2$

$6:3$

$9:3$

$14:2$

. Resolva as multiplicações:

$252 \times 2 =$

$411 \times 3 =$

$625 \times 3 =$

. Num trem há 78 pessoas sentadas e 21 em pé. Quantas pessoas viajam no trem?

Os alunos leram os problemas. Pedimos, então, que eles substituíssem a palavra trem por outra palavra e eles foram capazes de fazer a substituição por "canoa". (o professor explicou aos alunos, em Língua Ticuna, nosso pedido, e não sabemos até que ponto ele induziu-os à resposta).

Ainda em Cordeirinho entrevistamos o professor Rafael que leciona na aldeia de Guanabara. Ele nos contou que na sala há alunos de 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série. Ele utiliza o livro "Poranduba". Ele disse que quando os alunos saem da 4ª série sabem escrever algumas frases em português.

A tarde estivemos novamente em Bom Caminho para ver a sala do professor Bernardo de 2ª e 3ª série. Os alunos dessa sala entendem português e é nessa língua que o professor fala com eles.

As escolas não têm mimeografo

No dia seguinte estivemos novamente no Museu Magüita em busca do material escrito em Ticuna que precisávamos, mas soubemos que os livros estavam com o Frei Josenei, do Cimi. Marcamos, então uma reunião com ele para o dia seguinte.

Fomos, então, fazer uma visita ao escritório do MEB (Movimento de Educação de Base). Lá conversamos com Gleissimar que nos mostrou a cartilha O RIBEIRINHO, na versão de Língua Portuguesa e Matemática.

Acreditamos ser esse um material interessante para ser aproveitado na alfabetização do povo Ticuna, já que foi elaborado para uma população ribeirinha semelhante a das comunidades indígenas do Alto Solimões e os temas são coerentes com essa realidade.

No entanto, não há número de livros disponíveis e teríamos que conseguir uma reedição em Brasília, na sede no MEB. Ficamos de analisar essa alternativa.

A noite tivemos uma reunião final com Nino Fernandes, Francisco, Sílvio e Constantino.

Nessa reunião expusemos os fatos da nossa viagem e enumeramos os principais problemas que havíamos detectado:

- . a falta dos livros em Língua Ticuna para os alunos
- . a adoção indiscriminada dos livros didáticos entregues pela prefeitura para o ensino da Língua portuguesa e das demais disciplinas
- . a dificuldade em se trabalhar com classes misturadas, (há casos de classes que abrigam alunos de todas as séries, simultaneamente).

Nino confirmou a informação dada por Pedro Inácio de que os professores teriam recebido livros em Ticuna para todos os alunos no início do ano, e ele próprio foi testemunha de ter visto transformada a pilha de livros em banco.

Explicamos nossa preocupação em fazer caminhar junto o trabalho de Língua Ticuna e Língua Portuguesa, para que a aprendizagem da segunda não signifique o abandono ou a desvalorização da primeira.

Também foi confirmada por Nino Fernandes a necessidade da oralidade em Língua Portuguesa, na mesma medida da necessidade da escrita em Língua Ticuna.

Nino falou ainda da indisponibilidade do Frei Josinei em entregar a ele os livros que estão em seu poder, pois Nino já havia feito o pedido anteriormente e não fora atendido.

Em relação ao problemas das classes misturadas, Nino atribui isso em grande parte a remuneração baixa do professor que "se fica o dia todo na escola a família não come", então, ele junta em uma só sala os alunos dos dois períodos.

Quanto ao problema dos livros didáticos distribuídos pela prefeitura Nino diz que nada foi feito até agora por falta de meios. Ele comparou a situação deles com alguém que estivesse numa ilha no meio das águas e não soubesse em que direção começar a nadar.

No dia seguinte fomos à reunião com Frei Josinei e dois professores brancos que lecionam na aldeia Ticuna do Feijoal.

Frei Josinei confirmou a posse de 2000 volumes do livro de textos e 2000 volumes do livro de exercícios (POPERA I UGUTAERUU MAGUTAGAWA ARU PURACU e POPERA I UGUTAERUU MAGUTAGAWA). Confirmou, ainda, que não entregou os livros ao Nino, pois quer ter a garantia que os professores recebam realmente os livros e, portanto, prefere que eles peguem pessoalmente cada livro.

Além disso Frei Josinei acha que os professores não estão preparados para usar o livro, não foram treinados para isso e, portanto, não tirariam o proveito esperado.

Falamos, então, do curso de janeiro/fevereiro e combinamos com o Frei Josinei que na ocasião do curso pegaríamos os livros para distribuí-los aos professores, inclusive porque o curso estaria dando subsídios para a utilização desse material.

O professor que estava presente disse que quando o professor de uma sala é branco, necessariamente é preciso haver um professor Ticuna com ele na mesma sala para falar com os alunos.

A pesquisa completa está gravada em fitas cassete e fitas de vídeo, disponíveis a todos os interessados.

UM POUCO DE REFLEXÃO SOBRE PRINCÍPIOS

O que podemos dizer diante de um índio?

Qual é a palavra que independe da língua?

É o silêncio?

Mas o silêncio significa e está ele, assim como a língua, impregnado de um sentido próprio. Não é neutro.

Não há neutralidade.

Estamos num impasse.

O contato está aí, aqui, e é inevitável.

O contato branco. O contágio branco.

Ele está na luz elétrica à diesel que está chegando.

Ele está nas camisetas dos políticos.

Ele está nas bolachas peruanas.

Nos medicamentos. E sobretudo, na língua portuguesa.

O índio quer aprender português para proteger sua gente, sua tradição, sua terra.

Inevitável. Paradoxal. Perigoso.

O índio precisa aprender português.

É uma necessidade.

Eu trabalho com a necessidade.

Ensino língua.

Gostaria, no entanto de ser artista e ensinar arte.

A arte transcende a necessidade.

A arte é sublime e universal.

O contato pela arte prescinde da língua, é linguagem.

Linguagem universal.

A língua é contingente, necessária, determinante,
restritiva.

A língua fala um país, um povo, uma história.

A língua materna de certa forma exclui outros povos,
outras histórias.

Um fonema define-se por aquilo que ele não é.

Uma língua define-se pelas outras que ela não é.

Uma história pode excluir outras histórias.

A língua portuguesa e a história do branco são uma
coisa só.

Impossível separar.

Impossível fazer uma assepsia na língua.

Impossível ser neutro.

Mas o homem tem capacidade infinita.

O homem pode enriquecer-se com outras verdades.

O espírito do homem é universal.

E há uma universalidade que se pode trabalhar ao se
ensinar a língua do branco ao índio:

A diversidade.

Só a diversidade pode ser abrangente.

O acréscimo de uma língua segunda.

A língua portuguesa enquanto língua segunda.

A escrita em língua portuguesa enquanto escrita segunda

A língua portuguesa por contra-ponto.

A língua portuguesa enquanto reflexão, por comparação.

O contato é inevitável.

Que não seja para aniquilar a cultura do índio.

Que seja para acrescentar a essa cultura.

Acrescentar uma outra história. Acrescentar valores.

ACRESCENTAR E NÃO SUBSTITUIR.

Tendo em vista esses princípios CONSIDERAMOS
INACEITAVEL QUE OS PROFESSORES TICUNA CONTINUEM A
ADOTAR OS LIVROS DIDATICOS ENTREGUES PELAS PREFEITURAS.

- . os livros são entregues aos professores e não aos alunos
- . os livros são escritos em língua portuguesa
- . eles são os mesmos adotados na cidade
- . trazem conceitos e propostas absolutamente incompreensíveis e absurdas para uma comunidade indígena
- . esses livros são, na grande maioria, de péssima qualidade, mesmo quando analisados como material pedagógica de circulação nas escolas da cidade..
- . os próprios professores mal compreendem o conteúdo desses livros
- . os alunos passam horas copiando os exercícios passados no quadro em língua portuguesa, tirados dos tais livros, sem que estejam compreendendo nada do que escrevem.
- . o trabalho com esses livros é em si um desrespeito ao princípio da universalidade de que falávamos anteriormente, uma vez que o seu conteúdo não tem nenhuma relação com conteúdos propostos em língua Ticuna (já escritos e publicados). Assim, a reflexão pela comparação não se dá. No seu lugar há uma prática de inculcação.

NOSSA PROPOSTA É:

PRÉ-ESCOLA:

O uso exclusivo do livro: NGI'Á TANAÜTCHICUNAAGU Um manual da escrita, publicado pelo Centro MAGÜTA/ MEC e SENEK, coordenado pela profa Jussara Gomes GRUBER, com a colaboração de professores TICUNA. 1992

TODOS OS ALUNOS DEVERAO TER UM EXEMPLAR DO LIVRO.

Nessa fase somente a primeira parte do livro será explorada (até a página 44).

O professor deverá privilegiar, nessa etapa, as brincadeiras, as histórias contadas, os desenhos e todo tipo de atividade lúdica.

O trabalho com esse livro deve ser acompanhado de jogos e do uso de objetos (sementes, pedrinhas etc) para a compreensão das noções quantitativas. O planejamento dessas atividades deverá ser feito pela equipe de matemática.

ALFABETIZAÇÃO:

O uso do mesmo livro (2ª parte) para a alfabetização em Língua Ticuna

O uso da CARTILHA DO RIBEIRINHO, publicada pelo MEB-DF e CEDI-SP, sob a coordenação de Irmã Maria de Fátima MALDANER e Sérgio HADDAD. 1984

Dessa cartilha há uma versão para o Monitor contendo todas as informações necessárias à sua aplicação. Há, ainda, cartazes que acompanham o manual, para serem usadas em sala.

Acompanha ainda essa publicação uma CARTILHA DE MATEMATICA, e a respectiva versão do Monitor.

PRIMEIRO ANO:

Nessa etapa serão usados, para o ensino da Língua Ticuna, os livros POPERA I UGÜTAERUÜ MAGÜTAGAWA e POPERA I UGÜTAERUÜ MAGÜTAGAWA - ARÜ PURACÜ, (livro de textos e livro de exercícios) publicado pela OPAN/PRELAZIA DO ALTO SOLIMÕES/ UNIV. CATÓLICA de GOIAS de autoria dos professores TICUNA da OGPTB, com assessoria linguística de Marília Facó SOARES. 1988

TODOS OS ALUNOS DEVERÃO TER O LIVRO

Para o ensino da língua portuguesa serão utilizados os textos traduzidos desse mesmo livro e uma versão apostilada de exercícios em português sobre eles, propostos por esta equipe.

SEGUNDO ANO:

Para a língua Ticuna será utilizado o livro TORÜ DUÜ'ÜGÜ - NOSSO POVO, publicado pelo MUSEU NACIONAL/ UFRJ/ SEC/ MEC/ SEPS e FNDE, com a participação dos professores TICUNA, em especial de Pedro Inácio PINHEIRO e Adércio CUSTÓDIO, e das pesquisadoras Jussara Gomes GRUBER, Vera Navarro PAOLIELLO e João Pacheco de OLIVEIRA FILHO.

PARA EXPLORAR ESSES TEXTOS A EQUIPE ESPECIFICA DEVERA PROPOR EXERCICIOS APOSTILADOS SOBRE ESSES TEXTOS.

Todos os alunos deverão ter o livro e a apostila.

Para a Língua Portuguesa serão utilizados os textos traduzidos desse mesmo livro, os exercícios apostilados, a respeito desses textos, propostos pela OGPTB e o vocabulário auxiliar, também proposto pela OGPTB.

TERCEIRO E QUARTO ANO:

Para o ensino da Língua Ticuna, sugerimos, para essa fase, a elaboração de novos textos pelos alunos: Regras de jogos, tradução do manual de saúde, narração de um passeio, cartas a pessoas distantes (com envio efetivo

se possível), narração de uma festa, criação de uma história em quadrinhos, descrição da aldeia, ampliação do dicionário já existente, proposto e iniciado por Marília Facó SOARES etc.

Para o ensino da língua portuguesa será dada aos alunos a oportunidade de ler vários tipos de textos: reportagens de jornal, ofícios, história em quadrinhos, conta de luz, lista telefônica etc.

A partir da leitura haverá a interpretação criativa dos textos e sua re-escritura (como seria na comunidade). Então, uma produção a partir dos texts modelares. As observações gramaticais são feitas sempre em função dos textos vistos e trabalhados.

A apostila contendo a coletânea dos textos e as propostas de exercícios será trabalho desta equipe. Propomos, ainda, nesta fase, a leitura de pequenos livros de história seguindo uma seleção prévia feita por esta equipe.

Quanto à Ciências e Estudos Sociais, a equipe deverá propor um material cujo conteúdo seja a ampliação e especialização dos temas apresentados nas cartilhas e nos livros de textos, obedecendo a sequência de sua adoção (de 1ª a 4ª série) e uma consequente gradação de dificuldade (de 1ª à 4ª série). Ex de temas a evoluir:

Eware = origem do povo Ticuna/ humanidade/ família/
igarapé/ rio Solimões/ Brasil/ pesca/ água/ etc.

Para que todos esses objetivos e propostas sejam
viabilizados, algumas providências devem ser tomadas
com **URGÊNCIA**:

. que todos os professores envolvidos nesta 1ª etapa
(e os demais) tomem conhecimento deste texto e
manifestem-se sobre ele (principalmente a professora
Marília)

. que produzam seu material para o curso compatível com
este planejamento, ou então apresentem urgentemente
outras sugestões para serem avaliadas por todos.

. que a profa. Jussara veja com urgência a
possibilidade deo MEB, em Brasília, reeditar a Cartilha
do Ribeirinho (Português e Matemática). O ideal seria
que pudéssemos distribuí-las no curso de janeiro.

MEB - Movimento de Educação de Base

SC5 - Quadra 03, Bl. A - nº 79

70300-000 Brasília

Fone: (061) 225.2999/ 2952

Fax: 225.2943

A/C Carlos Lopes

. que possamos acrescentar à lista de materiais pagos pela Universidade, tanto as cartilhas como os livros de história.

Sugerimos que o curso de janeiro, por todos os motivos apresentados, seja voltado, excepcionalmente para "Metodologia do ensino".

Professores responsáveis:

SOLANGE LEDA GALLO, professora do Departamento de Língua Portuguesa e vice-coordenadora do curso de mestrado em Lingüística Aplicada da UA.

MATEUS COIMBRA DE OLIVEIRA, professor do Departamento de Língua Portuguesa da UA.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO DA VIAGEM DOS PROFESSORES SOLANGE LEDA
GALLO E MATEUS DE OLIVEIRA AS ALDEIAS TICUNA DO ALTO
SOLIMÕES

NOV. /94